

**“PESSOAL, ATENÇÃO POR FAVOR”: A PRÁTICA DOCENTE NO ESTÁGIO  
CURRICULAR EM GEOGRAFIA.**

**Guilherme Cardoso Estevão<sup>1</sup>**  
guiestevao97@gmail.com

**Claudio Boeira Júnior<sup>2</sup>**  
claudio.boeira@gmail.com

**RESUMO:** *O trabalho relata a experiência de Estágio Curricular Docente do Curso de Geografia da FAED/UDESC, realizado em uma turma de sexto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Florianópolis/SC. Apresenta, portanto, as três metodologias trabalhadas nesta turma, sendo elas o uso de Imagens no Ensino de Geografia, uma aula Expositivo-Dialogada e por fim uma aula Prático-Experimental. O objetivo do trabalho é de verificar qual foi a metodologia mais efetiva em sala de aula, de acordo com três requisitos, Participação e Comportamento dos estudantes, bem como a Aprendizagem destes, medida pelas notas. A metodologia que obteve mais êxito com a turma foi a aula Prático-Experimental, pela reação positiva dos estudantes quanto às notas e, principalmente, pela participação e envolvimento dos estudantes. O trabalho se justifica pela necessidade de se mostrar outro modo de se ensinar Geografia para os anos finais do ensino fundamental, demonstrando que apesar das dificuldades encontradas que o ensino público no Brasil impõe, sempre há um jeito pelo qual é possível uma educação transformadora, trazendo o/a estudante como sujeito ativo para o centro do processo de ensino-aprendizagem.*

## **INTRODUÇÃO**

Desde o primeiro semestre de 2018 quando cursávamos a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I nossa preocupação era de qual abordagem de aula utilizaríamos para conseguir cativar a atenção dos estudantes e seguir com o planejamento programado até o final do segundo semestre, momento em que desenvolveríamos o estágio de docência. A turma escolhida para este estágio foi um 6º ano dos anos finais do ensino fundamental, com 25 estudantes/as. A característica da turma era de um grupo de estudantes que chegaram recentemente dos anos iniciais e adentraram nos anos finais do Ensino Fundamental, ainda estavam se habituando às disciplinas separadas com diferentes professores e com as novas metodologias e propostas de aulas.

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação em Geografia Licenciatura pela Universidade do Estado de Santa Catarina

<sup>2</sup> Estudante de Graduação em Geografia Licenciatura pela Universidade do Estado de Santa Catarina

A maior dificuldade enfrentada nesse percurso de estágio foi a questão da indisciplina. Desde o período de observação era nítida a dificuldade que o professor tinha para dar conta do planejamento diário e com o conteúdo programado. Com estudantes inquietos, era difícil ministrar a aula e era muito difícil que ela fluísse por um determinado tempo sem interrupções tolas que nada acrescentavam à aula, sendo que estas interrupções eram a regra, não a exceção. Daí veio nossa questão que aqui será discutida, dada a característica relativamente abstrata do nosso conteúdo programático, quais estratégias e metodologias utilizar para que fosse possível ter uma aula que proporcionasse a aprendizagem dos estudantes que compunham aquela turma. Em suma, foram planejadas três metodologias de aula. Na primeira tentativa, foi proposto o uso de imagens como recurso didático, na segunda, foi proposta uma aula expositiva-dialogada e, no terceiro planejamento, foram testadas aulas prático-experimentais com a cartografia escolar. Estas diferentes propostas tinham o objetivo de descobrir por tentativa e erro que tipo de metodologia a turma reagiria melhor. O presente artigo tem por objetivo discutir a questão metodológica do Ensino de Geografia trabalhada em uma turma de 6º ano da rede pública de ensino em Florianópolis/SC. Para isso, a metodologia utilizada foi de pesquisa bibliográfica para construir um referencial teórico coerente com os temas abordados, dentre os autores utilizados destacam-se Callai (2005; 2011) e Masschelein & Simons (2015).

Portanto, este escrito se estrutura em três partes, onde a primeira destina-se a discutir teoricamente a importância de cada metodologia trabalhada em sala de aula, sendo elas as imagens no ensino de geografia, aulas expositivo-dialogadas e aulas prático-experimentais, respectivamente. Dentro da parte sobre aulas prático-experimentais discorre-se exclusivamente sobre cartografia escolar por essa ser a prática escolhida para trabalhar com a turma durante o estágio. As duas últimas partes apresentadas correspondem respectivamente aos resultados e discussões e às considerações finais.

## **AS IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

O potencial das imagens nos dias atuais é grandioso, elas nos circundam onde quer que vamos. Têm o poder de nos guiar, dar informações, formar uma opinião sobre um lugar sem mesmo ter visitado ou nos levar à reflexão, tudo depende de quem olha e como olha. Por isso,

as imagens são um recurso muito valioso para a Geografia, pois podem nos ajudar a desenvolver e construir os conceitos geográficos criticamente com um apelo muito atual e presente na vida dos estudantes. Segundo Zatta e Aguiar

Quando o aluno chega à escola, ele já tem a capacidade de observar e de certa forma procura explicar o mundo em que vive. Esse modo de ler o nosso dia-a-dia está impregnado de Geografia. Na escola é importante dar condições para o aluno ampliar, rever, reformular e sistematizar as noções que construiu, de forma espontânea, através da aprendizagem dos conteúdos de Geografia. (2009, p. 8)

Sabendo que os estudantes vão para a escola com uma bagagem de saberes, e que as imagens e a Geografia se conectam, é importante o/a professor/a utilizá-las para potencializar o conhecimento do estudante. O/A estudante chega à escola com uma bagagem não só de imagens, parte deles já possuem experiências e vivências importantes, porém, é nas imagens onde encontramos um ponto de intersecção entre esses estudantes, o que faz desta uma ferramenta importante para o ensino de Geografia. Portanto,

para promover a ampliação do conhecimento dos estudantes a respeito de temas cuja relevância é de inquestionável valor para a sociedade atual, os materiais didáticos bem como os recursos midiáticos, são fundamental importância no trabalho do professor (ZATTA; AGUIAR, 2009, p. 8)

A imagem deve ser vista pelo professor como uma potencialidade. Toda imagem carrega uma mensagem e tem um ou mais sentidos, e abre campo para diversas interpretações. Cabe então, ao professor/a, que leva as imagens para a sala de aula trabalhar de maneira crítica, não deixando que a imagem se torne um adorno ou simples artefato ilustrativo, mas que a problematize e utilize como ponto de partida para trabalhar com o conceito geográfico desejado. Conforme Novaes (2011) *apud* Tolentino e Oliveira (2014):

Ensinar a olhar as imagens para formar um leitor que saiba olhar e entender os conteúdos nelas existentes exige um trabalho que extrapole a mera exposição descritiva pelo professor. Essa exposição descritiva das diversas porções do espaço terrestre, muitas vezes, coloca os estudantes em um estado de passividade. Os estudantes ficam restritos a associações diretas entre o que é mostrado visualmente e o que é narrado pelo professor (p. 10).

A partir do momento em que o professor abre a possibilidade de trabalhar com este recurso em sala de aula, as imagens assumem um papel transformador na aprendizagem. Ela toma uma forma em que ainda não fora experimentada, como uma fonte de construção do conhecimento geográfico. A sala de aula pode se tornar um lugar de interesse e redescobrimto, de que é possível aprender Geografia a partir de uma nova percepção da

realidade através de imagens, seja do cotidiano, seja por cartuns, charges, quadrinhos etc. Conforme corroboram Tolentino e Oliveira (2014)

o trabalho com imagens proporciona outro tipo de leitura e visão dos elementos para a compreensão do espaço geográfico. Ele proporciona analisar as dimensões que o tempo e o espaço assumem junto aos atores que provocam a sua transformação (p. 09).

O uso das imagens em sala de aula pode servir como um desafio para aprendizagem da educação geográfica, fazendo com que o estudante possa sair da postura passiva em que se encontra na parte majoritária do tempo, onde só recebe informações do/a professor/a que lhe diz tudo o que ele necessita saber, e passe a assumir uma postura ativa, onde pode interpretar as imagens de forma crítica e desenvolve o saber geográfico.

## **AULA EXPOSITIVA DIALOGADA**

Dentre as estratégias metodológicas para uma aula de Geografia, não se pode deixar de falar sobre a aula expositiva dialogada, por sua importância na construção de conhecimentos geográficos com base no diálogo e discussão entre professor/a e estudante e até mesmo entre estudante-estudante. Segundo Fonseca (2008), uma aula expositiva dialogada consiste na

exposição do conteúdo, com a participação ativa dos estudantes, cujo conhecimento deve ser o ponto de partida. Os estudantes são questionados, levados a interpretar e discutir o assunto, partindo do que já sabem e do confronto com a realidade. Estimula a análise e a produção de novos conhecimentos, propondo a superação do ouvir e copiar (2008, p. 15).

Portanto, com esta metodologia o estudante, pode ter uma postura ativa na sala de aula, e não simplesmente ouvir e acatar, mas pode ser instigado pelos professores a descobrir o porquê das coisas com base na discussão em sala de aula. Sendo assim, para que a discussão seja possível, é importante relacionar as experiências e vivências dos estudantes, trazer seus conhecimentos e sua bagagem de saberes para a sala de aula, relacionando sua vida cotidiana com o conteúdo, fazendo com que esse último faça sentido para o estudante e o momento da aula se torne um momento de redescobrimto do mundo e de si no mundo. Porquanto

O diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de

que este conjunto de saber se encontra na interação (FREIRE, 1971, p. 36  
*apud* COIMBRA, 2016, p. 02)

Chamamos atenção aqui para algo central nessa metodologia de aula. Para que ela seja possível é importante respeitar os saberes dos estudantes, pois são sujeitos que possuem conhecimentos. Com isso, o professor se coloca também no papel de mediador, que aprende e constrói conhecimentos na relação de sala de aula. Quando isso ocorre, possibilita que o estudante perceba que ele não é mais uma personagem com um papel a ser interpretado, ele assume uma posição onde nota que seu conhecimento também é válido e pode ser passado aos outros, sejam eles estudantes ou professores. Por isso

A pergunta é a ferramenta dessa estratégia de ensino, pois a partir dessa problematização, educadores e educandos, aprendentes de um mesmo processo de ensinagem, interagem para a construção do conhecimento e transformação da realidade. Um sujeito formado nesse processo não assume uma atitude contemplativa, mas ao contrário, uma responsabilização, um compromisso social e uma **autonomia**, características fundamentais ao exercício profissional (COIMBRA, 2016, p. 05, grifo nosso).

Somente assim, respeitando o saber do outro é que essa metodologia de aula se torna possível. Quanto aos conteúdos que essa metodologia possibilita trabalhar, Coimbra (2016) esclarece que não há barreiras impostas, qualquer conteúdo é passível de ser problematizado é um conteúdo possível de ser trabalhado na perspectiva metodológica de aulas expositivo-dialogadas. Mesmo os conteúdos de natureza “rígida” têm a possibilidade de serem trabalhados, pois não se apresenta somente o conteúdo como ele é na sua integralidade, o importante é apresentar, trazer, demonstrar e relacionar o conteúdo com a vida dos estudantes, fazer com que eles percebam sua realidade com um outro olhar a partir da sala de aula e dos conteúdos abordados.

## **AULA PRÁTICO-EXPERIMENTAL**

A importância das aulas prático-experimentais está na possibilidade que elas dão ao estudante de interagir com o conhecimento geográfico. Nesta proposta de aula eles aprendem fazendo e construindo, sejam cartazes, maquetes, mapas etc.; isso possibilita alterar a rotina de sala de aula. É perceptível a saturação dos estudantes da educação básica de ficarem sentados na cadeira ouvindo o professor expor sobre o conteúdo, eles desejam e merecem mais. Com isso, Paulo (2015) salienta que as práticas docentes, como a construção de maquetes, por

exemplo, tornam o processo de ensino aprendizagem mais significativo, sendo um meio pertinente para a discussão dos elementos que compõem o lugar em que os estudantes vivem.

Portanto, trabalhar de uma forma prático-experimental proporciona ao estudante descobrir a Geografia de uma forma interativa e participativa. É sabido que existem diferentes formas de se aprender determinadas habilidades, técnicas e conteúdos. Sendo assim, na escola não poderia ser diferente. Por isso é necessário variar as metodologias trabalhadas com os estudantes, para possibilitar a construção do conhecimento para todos/as. Assim, acredita-se ser importante o planejamento de aulas com metodologias prático-experimentais no ensino de Geografia.

## **CARTOGRAFIA ESCOLAR**

Se o objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico e suas manifestações, então a espacialização dessas manifestações se dá pela Cartografia (CASTROGIOVANNI; SILVA; 2014). Portanto, a Cartografia Escolar e suas práticas se tornam importantes na alfabetização cartográfica dos estudantes e na compreensão dos fenômenos espacializados no mapa. Sendo assim, Cartografia e Geografia não se separam,

O ensino da geografia e o da cartografia são indissociáveis e complementares: a primeira é o conteúdo e a outra é a forma. Não há possibilidade de estudar o espaço, sem representá-lo, assim como, não podemos representar o espaço sem informação (PASSINI, 2007, p. 148 *apud* CASTROGIOVANNI; SILVA; 2014, p. 04)

A Cartografia nesse momento, através da produção de cartas e mapas, pode ajudar o professor a desenvolver os conceitos-chave da Geografia com os estudantes, como Espaço, Região e Lugar. Ajuda também com que o estudante aprenda a ler o mundo, lendo o mundo da vida e se tornando agentes atuantes no mundo em que vivem (CALLAI, 2005). A Cartografia possibilita que o estudante aprenda a percepção de escala, local, regional e global. Assim, ela assume um papel de importante metodologia para se experimentar com os estudantes, por sua natureza dinâmica e importância conceitual. Portanto, as práticas proporcionam que a aula tome outros rumos, que vai além de sentar e ouvir passivamente o professor/a em sala. Elas possibilitam que o estudante crie, construa e aplique o que é discutido em outras aulas, bem como, o questionamento sobre a sua realidade e a dos outros. Assim, o professor assume o papel

de mediador, auxiliando o estudante conforme forem surgindo os questionamentos, tanto na parte técnica, do uso correto das ferramentas, leitura e escrita cartográfica, quanto na parte mais humana e subjetiva do estudante, para compreender sobre sua realidade e o seu lugar (ou até mesmo outros), a partir da observação e análise dos mapas. Segundo Castrogiovanni e Silva (2014, p. 04), “ressaltamos então o papel do professor como mediador nesse processo. O professor é quem ressignifica sua prática através do conhecimento geográfico, a partir de práticas não lineares e tradicionais, mas sim empolgantes e envolventes”.

Se o objetivo da escola é formar sujeitos críticos, conhecedores da sua realidade e de seu lugar, região, território, entende-se que a prática da cartografia escolar é um dos possíveis caminhos a serem tomados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

No início do estágio de docência, a estratégia planejada era de construir regras em conjunto com os estudantes, bem como adotar uma postura rígida no aceite da entrega de trabalhos e atividades solicitadas em sala de aula, para que eles fossem amadurecendo conforme o andamento das aulas e criassem um senso de responsabilidade correspondente com os seus deveres. Portanto, planejamos que ao final de cada aula entregaríamos uma atividade sobre o conteúdo ministrado no dia e eles teriam uma semana para fazer tal atividade. Com isso, pretendíamos, por meio dos acordos construídos e das atividades de final de aula, que os estudantes diminuíssem com os movimentos paralelos à aula e que anotassem nos cadernos o conteúdo que seria dissertado no dia.

Por meio desse movimento, que Masschelein e Simons (2015) chamam de tecnologia escolar, nosso objetivo foi o de possibilitar o surgimento de uma rotina de aula, onde os estudantes tinham acesso aos passos que deveriam seguir e, portanto, sabiam o que fazer em cada momento do planejamento. A partir disso, foi possível estabelecer um ambiente onde os estudantes se mantinham mais calmos e envolvidos com as atividades propostas e com a atividade avaliativa individual de cada aula. O intuito de fazer uma proposta avaliativa ao final de cada aula, não era o de punir quem conversasse e atrapalhasse a aula, mas sim de dar uma oportunidade aos estudantes de fazerem uma autorreflexão e perceberem que seu comportamento atrapalhava seu desempenho nas aulas. Portanto, o objetivo não era a avaliação

em si, porque “do ponto de vista das tecnologias da educação escolar, o exame tem, pelo menos, outro significado: a preparação para o exame. [...Ele é], portanto, uma ferramenta pedagógica para *exercer pressão*” (MASSCHELEIN & SIMONS, 2015, p. 63). Este sim era o verdadeiro objetivo, fazê-los pensar seus atos por meio dessas tecnologias escolares para que eles passassem por esse processo de tomada de consciência de uma nova etapa da educação pela qual estavam passando. Segundo MASSCHELEIN & SIMONS (2015, p. 64):

Não são regras pelo bem das regras e, assim, não exigem submissão e obediência pelo bem da obediência. Essas regras escolares servem para tornar possível apresentar o mundo de uma maneira atraente: tentam focalizar a atenção, minimizar a distração e manter (ou, evitar, quando necessário) o silêncio.

Outro ponto importante a ser considerado era o conteúdo programático para o terceiro trimestre que deveria ser abordado com os estudantes, que compreendia formas de relevo, dobramentos, vulcanismo, agentes internos e externos e, estes, deveriam ser trabalhados em oito dias letivos com duas aulas por dia. O conteúdo citado tem um caráter abstrato por se tratar de grandes fenômenos da natureza que, ou são difíceis de perceber a olho nu, tanto pela grandeza do objeto de estudo ou por serem fenômenos gradativos que não percebemos no dia-a-dia, ou são raros no lugar onde moram os estudantes. Portanto, a metodologia escolhida para a realização das aulas tinha a intenção de trabalhar com o uso do projetor multimídia para que fosse possível a projeção de diversas imagens e vídeos para que os estudantes tivessem a oportunidade do encantamento de ver os fenômenos agindo na realidade e que o conteúdo se tornasse mais palpável a eles.

## **PRIMEIRA METODOLOGIA – IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Na primeira aula, sobre formas do relevo, foram levadas imagens representativas para ajudar os estudantes a terem uma noção sobre os tipos de relevo que existem, para que eles refletissem sobre a ocupação e trabalho humano sobre o relevo.

Considera-se aqui que conhecer o lugar onde se vive é o primeiro passo para entender o mundo a nossa volta. A dinâmica da aula poderia ter sido melhor se não fosse por uma falha técnica com o projetor multimídia que dificultou a visão nítida das imagens, o que mudou totalmente a dinâmica da aula e nos obrigou, posteriormente, a mudar de estratégia. A



participação dos estudantes na aula não foi das maiores, pois eles estavam muito dispersos por causa do problema técnico. Porém, percebeu-se mais tarde na correção das atividades que o entendimento dos estudantes sobre os conceitos mais importantes sobre a definição de cada tipo de relevo foi satisfatório, bem como, a relação entre relevo, ocupação humana e agricultura. Por volta de metade dos estudantes conseguiram notas iguais ou superiores à média, que na escola é 6,0. Não se pode dizer que a aula foi um fracasso porque os objetivos foram atingidos na medida do possível, porém, não foi um sucesso completo porque não foram alcançados todos ou a grande maioria dos estudantes com as reflexões potenciais que as imagens traziam em si.

## **SEGUNDA METODOLOGIA DE AULA – AULAS EXPOSITIVAS DIALOGADAS**

Nessa segunda metodologia de aula utilizada as dinâmicas se deram de maneira diferente. O intuito foi de que as aulas se pautassem em perguntas e questionamentos que eram postos aos estudantes para que houvesse a participação de todos/as e um movimento que contribuísse para construção do conhecimento em sala, gerando mais questões, o que os ajudaria no entendimento do conteúdo e na construção do conhecimento geográfico. Portanto, à medida que os questionamentos avançavam, as dúvidas eram sanadas e um quadro conceitual era construído no quadro. Na aula sobre dobramentos e deriva continental foi levado também um mapa-múndi e placas de EVA com o formato das placas tectônicas Sul-americana, Nazca, Africana e Arábica, para mostrar os movimentos e os dobramentos que se formam em cada encontro dessas placas, bem como a formação das duas cordilheiras (Andes e Himalaia) e suas diferenças.

Os resultados desta aula foram melhores do que na metodologia anterior, cerca de dois terços da turma atingiram nota satisfatória em relação à média da escola. A participação dos estudantes também foi maior e as questões geradas a partir do material-exemplo trazido sobre o movimento das placas tectônicas e a formação dos dobramentos foram em maior número. Na aula sobre agentes externos, que também era expositiva-dialogada, rendeu uma boa discussão sobre a diferença entre o processo de erosão e intemperismo, nessa aula eles utilizaram os conhecimentos que já tinham de uma outra disciplina (Ciências) para usar de argumento sobre o que eles achavam que significavam esses conceitos e suas diferenças.

### **TERCEIRA METODOLOGIA – AULAS PRÁTICO-EXPERIMENTAIS**

Na terceira e última metodologia trabalhada em sala, foi feita uma atividade prática com os estudantes, onde eles teriam de construir um mapa altimétrico do Brasil em grupos. A atividade teve como objetivo proporcionar aos estudantes o contato com o conhecimento geográfico de uma maneira mais dinâmica e também propiciar o trabalho coletivo. A participação foi excelente, todos colaboraram e conseguiram terminar as atividades. Os poucos grupos que não terminaram no dia da realização das atividades, entregaram na aula seguinte. Foi um momento onde as dúvidas surgiam e os estudantes, a todo o momento, solicitavam ajuda dos professores em suas carteiras, portanto, esse momento se tornou propício para que as dúvidas fossem sanadas e as explicações destinadas pontualmente. Os mapas produzidos foram de boa qualidade, com todos os elementos cartográficos que um mapa possui, como título, escala, orientação e legenda. Aqui as notas foram as melhores quando comparadas com as outras atividades, todos conseguiram notas acima da média.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este artigo buscou-se discutir as experiências metodológicas desenvolvidas com uma turma do sexto ano do ensino fundamental. A conclusão que se chega é que todas estas metodologias têm suas potencialidades e problemas, porém, com esta turma em específico a metodologia que melhor funcionou, como se observa na Tabela 1, foi a prático-experimental. Muito provavelmente por causa do tipo de conteúdo, que pedia algo dessa natureza, e por causa do estilo geral da sala como um todo. Uma turma energética e com um bom potencial.

Isso não significa de forma alguma que essa é a única forma ou a forma correta de se trabalhar com esses estudantes. Significa que essa metodologia foi a que melhor funcionou com os estudantes naquele determinado tempo e espaço. Com certeza há muitas outras metodologias que podem ser testadas e experimentadas com os mesmos estudantes e que também darão certo.

Tabela 1

METODOLOGIA	PARTICIPAÇÃO	APRENDIZAGEM	COMPORTAMENTO
1	RUIM	MÉDIO	RUIM
2	MÉDIO	MÉDIO	MÉDIO
3	BOA	BOA	MÉDIO

Fonte: Elaborado pelos autores

Para se ter um parâmetro geral do quanto os estudantes compreenderam sobre o que foi trabalhado em sala de aula, foi realizada uma última avaliação com consulta, contendo oito questões sobre todos os conteúdos/conceitos que foram trabalhados durante o estágio docente. Dos 25 estudantes da sala, 19 atingiram a média ou superior, 4 não atingiram e 2 estavam ausentes. Conclui-se assim que com as metodologias trabalhadas, em especial a prático-experimental, foi possível proporcionar à grande maioria dos estudantes o entendimento dos conteúdos/conceitos apresentados nas aulas de geografia. Portanto, deve-se dar uma maior atenção na escolha da metodologia que se trabalha em sala, pois cada turma que trabalhamos na educação básica tem suas especificidades que devem ser respeitadas para que possamos proporcionar um processo de ensino-aprendizagem exitoso.

## REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. A GEOGRAFIA ESCOLAR – E OS CONTEÚDOS DA GEOGRAFIA. **GEOGRAFÍA, CULTURA Y EDUCACIÓN**. ISSN 2248-5376. n. 1 p. 128 – 139, 2011.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o Mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2018

COIMBRA, Camila Lima. **A AULA EXPOSITIVA DIALOGADA EM UMA PERSPECTIVA FREIREANA**. 2016. 13 p. Artigo Científico. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em:



<[http://200.145.6.217/proceedings\\_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/6495.pdf](http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/6495.pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2018.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (CA-UFSC). **Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Disponível em: <http://www.ca.ufsc.br/> Acesso em: 15/06/2018.

FONSECA, Tânia Maria de Moura. **ENSINAR X APRENDER**: Pensando a prática pedagógica. 2008. 43 p. Artigo Científico. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa - PR, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1782-6.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: Uma questão pública. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 174 p.

PAULO, Jacks Richard de. **A CONSTRUÇÃO DE MAQUETES NAS AULAS DE GEOGRAFIA: CONTRIBUIÇÕES PARA MUDANÇAS DE CONCEPÇÕES DE ENSINO**. 2015. 11 p. Artigo Científico - Universidade Federal de Ouro Preto, V Seminário Nacional Interdisciplinar Em Experiências Educativas, 2015. Disponível em: <[http://cac.php.unioeste.br/eventos/senieseminario/anais/Eixo4/A\\_CONSTRUCAO\\_DE\\_MAQUETES\\_NAS\\_AULAS\\_DE\\_GEOGRAFIA\\_\\_CONTRIBUICOES\\_PARA\\_MUDANCAS\\_DE\\_CONCEPCOES\\_DE\\_ENSINO.pdf](http://cac.php.unioeste.br/eventos/senieseminario/anais/Eixo4/A_CONSTRUCAO_DE_MAQUETES_NAS_AULAS_DE_GEOGRAFIA__CONTRIBUICOES_PARA_MUDANCAS_DE_CONCEPCOES_DE_ENSINO.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2018.

SILVA, Limara M. da ; CASTROGIOVANNI, Antonio C. Geografia e a cartografia escolar no ensino básico: uma relação complexa – percursos e possibilidades. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br/files/2014/11/LIMARA-MONTEIRO-DA-SILVA-e-ANTONIO-CARLOS-CASTROGIOVANNI.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

TOLENTINO, Raul de Oliveira; OLIVEIRA, Jully Gabriela Retzlaf de. **O Uso das Imagens no Ensino de Geografia para a Compreensão do Espaço Geográfico**. 2014. 20 p. Artigo. Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cadernos PDE, 2014. 1. Disponível em:

**14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**  
**Políticas, Linguagens e Trajetórias**  
Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019

<[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_uenp\\_geo\\_artigo\\_raul\\_de\\_oliveira\\_tolentino.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uenp_geo_artigo_raul_de_oliveira_tolentino.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2018.

ZATTA, Celia Inez; AGUIAR, Waldiney Gomes de. **O uso de imagens como recurso metodológico para estudar Geografia**. [2009?]. 28 p. Artigo Científico. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, [2009?]. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2375-8.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.